

# O NOVO "CULTO UNDERGROUND" – UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO-SOCIAL DA "CULTURA" RAVE EM PORTUGAL

EUNICE AZEVEDO  
ISCTE

O fenómeno Rave (ou Acid-House, como inicialmente foi chamado) teve a sua origem em Inglaterra, nos finais da década de 80 e começou por ser um tipo de manifestação marginal e proibida, que se traduzia em encontros clandestinos de grupos de jovens que, em caves e armazéns abandonados da capital britânica, dançavam até de madrugada (ou até quando a polícia chegasse) ao som repetitivo da batida do género de música Techno.

Inicialmente, a data e o local previstos para o encontro acontecer estavam sempre envolvidos de um grande secretismo, próprio do recém-nascido "movimento underground", o que o tornava ainda mais motivador. De uma festa para um grupo restrito de amigos, as Rave Parties ("Festas do Delírio") passaram a constituir a principal diversão de um grande número de adolescentes e jovens, não só em Inglaterra como noutros países da Europa, nomeadamente na Alemanha, na Holanda e na Itália, reunindo num mesmo espaço, por vezes, mais de vinte mil adeptos da chamada dance music, que durante várias horas ininterruptas dançam sem cessar.

Segundo a concepção mais geralmente defendida entre os participantes de Raves, o consumo de álcool é evitado. No entanto, consomem preferencialmente a substância psicoactiva MDMA ou Ecstasy (ou algo que é comprado supostamente com esta designação) como estimulante tóxico recreativo.

O Ecstasy é um tipo de anfetamina de consumo ilegal em todos os países do mundo, com a excepção da Holanda, que na opinião de

Hillegonda Rietveld (cf. 1993: 42), tem como efeito principal a experiência de uma forte sensação de empatia generalizada: as inibições sociais e a necessidade de espaço privado são drasticamente reduzidas. Para além disso, provoca um estado de bem-estar e de prazer que eleva o humor, a auto-estima e a sensualidade. Apesar do seu consumo ter sido associado a algumas mortes, especialmente no Reino Unido, o Ecstasy é definido pela maioria dos seus consumidores recreativos, como uma droga inofensiva e com efeitos benéficos. Nesta atmosfera de simultânea descontração e euforia, desenvolveu-se um novo código de atitudes voltadas para o hedonismo e o consumo tecnológico.

No decorrer dos últimos dez anos, o movimento Raver suscitou a reflexão de várias individualidades de diferentes áreas da vida social e política inglesa, dado as suas características específicas e a dimensão grandiosa que atingiu nesse país.

Em Portugal, o fenómeno ainda é relativamente recente e tomou, quase desde o seu início pouco visível em 1992, uma orientação menos patentemente ilegal. Actualmente, são organizadas inúmeras festas, em várias regiões do país, não só em clubes de dança, como também em recintos históricos (Castelos, Palácios, Conventos), com o apoio das autoridades locais, onde muitos dos seus participantes consomem Ecstasy.

O movimento Raver emergiu das vivências complexas e inovadoras do modo de vida urbano, à semelhança de outro estilos "alternativos" do passado, ligados a culturas de juventude e assu-

mindos aspectos, frequentemente, caracterizados como próprios de uma "subcultura".

Desde 1988, que a imprensa inglesa, quer os jornais mais sensacionalistas quer aqueles que desenvolvem análises mais rigorosas sobre o panorama "subcultural" britânico, se têm interessado por revelar o "culto" da música Acid-House e a sua concretização no evento Rave, expresso através de performances extáticas. A população mais jovem, com as suas roupas excessivamente coloridas e atitudes consideradas demasiado excêntricas, passa assim a ser analisada de acordo com certos estereótipos comportamentais perfeitamente identificáveis.

A Rave pode ser definida, ainda que de uma forma simplista, como uma festa de dança cuja música puramente tecnológica teve a sua origem no Acid-House de Chicago, no Tecno de Detroit e no Garage de Nova York, géneros musicais que evoluíram de diferentes estilos de música de dança divulgados em clubes Gay, na sua maioria frequentados por afro-americanos. Para além da música, os aspectos formais destas festas de dança – o recurso permanente ao imaginário psicadélico da década de 60 em todas as dimensões que este possa comportar – parecem ter derivado das festas Acid Test que tiveram lugar na Califórnia, quando o LSD era a substância psicoactiva de consumo mais generalizado no momento. Essas festas terão sido posteriormente revividas durante o Inverno de 1987, em clubes londrinos como o Shoom e o Future, nas quais os participantes vestiam roupas típicas dos veraneantes de Ibiza, com detalhes que faziam lembrar a moda Hippy dos anos 60, e dançavam ao som de uma mistura de estilos de música que recebeu a designação de Balearic Music (cf. RIETVELD, 1993: 41-42,45). Este termo teve na sua origem uma atitude relacionada com a quebra de barreiras musicais levada a cabo por alguns

"disc-jokeis" residentes na ilha espanhola de Ibiza, como José Padilla que, no famoso Café del Mar, foi pioneiro na tentativa de misturar diferentes ritmos e tipos de música.

Em 1988, esta iniciativa traduziu-se no que parecia ser uma repetição do "Summer of Love" de 1967, caracterizado pelos festivais livres e pelo consumo de LSD, agora substituído pelo Ecstasy, primeiro em Londres e mais tarde noutras cidades do Reino Unido. No final desse Verão, as Rave Parties, cujo logotipo que lhes ficou de imediato associado é o conhecido "sorriso de orelha a orelha" – o smilley (em parte devido ao efeito de satisfação e de contentamento que o Ecstasy provoca nos seus consumidores), começaram a ocorrer fora do ambiente regulamentado dos clubes, nomeadamente em espaços industriais abandonados e ao ar livre, em pleno meio rural (cf. RIETVELD, 1993: 42,45). Tratou-se de uma forma de reagir aos preços exageradamente caros que as discotecas impunham aos clientes. Qualquer pessoa que possuísse um sistema de som, que encontrasse um armazém abandonado e que distribuisse alguns panfletos promotores do encontro, podia tornar-se num organizador de festas Rave de entrada livre ou a um preço módico.

À medida que as Raves começaram a proliferar a um passo galopante, os eventos foram-se tornando, por um lado, num negócio proveitoso para os seus organizadores e para os fabricantes e vendedores de Ecstasy, e por outro lado, como uma forma de contrariar a política conservadora de Margaret Thatcher, Primeira-Ministra do governo inglês de então. A imprensa começou a dar cada vez mais importância ao fenómeno Acid-House, pela sua ilegalidade, pela falta de condições de segurança dos espaços em que as festas eram realizadas e, principalmente, pelo consumo massivo de drogas. Os clubes de dança eram também cada

vez em maior número, o que deu origem à denominada Club "Culture" britânica.

Tendo em conta a reacção de pânico da "sociedade estabelecida" à medida em que este "culto" dominava a juventude inglesa, definitivamente, uma longa batalha social, cultural e política começava a ser travada. A posição legislativa em relação ao evento Rave, quer se tratasse de uma festa legal ou ilegal, tornou-se demasiado complexa, de modo que se passou a atribuir à própria lei, uma influência considerável na forma como todo o processo cultural e musical do movimento Raver se desenvolveu. O Governo, a polícia e os diferentes meios de comunicação do Estado, em conjunto, tentaram criar uma imagem negativa do fenómeno perante a consciência pública que, de início, não foi bem sucedida, uma vez que este conseguia ultrapassar todas as barreiras impostas (cf. REDHEAD, 1993: 20).

O movimento Raver difundiu-se por toda a Europa Continental, embora as suas características difiram de país para país. Por oposição, na Holanda as Raves sucedem-se num clima de liberdade "subcultural", enquanto que em França, a polícia é muitas vezes chamada a interromper os eventos, acabando por fechar os locais onde as festas se realizam.

Apesar de os géneros fundamentais da música de dança terem tido uma origem norte-americana, as festas Rave só começaram a ocorrer nos EUA no Inverno de 1990, após uma viagem realizada pelo famoso Dj Frankie Bones à Europa.

Mas a evolução deste fenómeno tem, inevitavelmente, particular relevância no seu país de origem, onde grupos organizados de Ravers se reúnem para partilhar ideias e experiências comuns e, deste modo, reforçar a sua atitude e "modo de

vida". São chamadas as novas "tribos" da Inglaterra, definidas como grupos de apoio que se distinguem pelas suas roupas idiomáticas, estilos de música e comportamentos rituais, e que possuem um "líder" ou porta-voz que protagoniza e dirige as iniciativas do grupo (cf. SHARKEY, 1993: 40).

Para Steve Redhead (cf. 1993: 24) a emergência do movimento Raver é o resultado de um ciclo revivalista que transformou o passado num presente permanentemente dançável. Ou seja, a relação que se estabelece entre os anos 60, o consumo de LSD e a geração Hippy, é semelhante àquela que se atribui ao fenómeno dos Ravers, adeptos da substância psicoactiva Ecstasy, nos finais da década de 80 e 90. É como se em épocas distintas a droga funcionasse como um catalisador de todo um conjunto de vivências e experiências alternativas. Nos anos 60 o LSD "funcionava como um espécie de elo conciliador de diversas necessidades: a oposição à sociedade e aos valores tradicionais, a coesão e o vínculo entre todos os adeptos deste movimento de ruptura, e a par disto, a recusa da violência pela supressão da agressividade (...), a droga não passava de um simples meio para alcançar a desejada felicidade e o desprendimento total e absoluto" (REY, 1985: 27). Também o Ecstasy desempenha em parte essa função, de modo que o seu surgimento foi acompanhado por muitas expectativas. Esperava-se que inaugurasse uma geração Neo-Hippy, pacífica e construtiva (cf. CARONA, 1996: 17). Por isso, não é por acaso que, certos "líderes" da "cultura tribal" ou autores que têm escrito sobre o consumo do Ecstasy e a sua relação com a música da dança, como Nicholas Saunders e Timothy Leary, tenham no passado pertencido ao movimento Hippy e publicado, na época, obras sobre o imaginário psicadélico dos anos 60. Por isso se acredita que "o Ecstasy mudou o país como o ácido (LSD) o fez na década de 60.

Quando o consumes ele muda toda a tua vida..." (REDHEAD, 1993:13).

Em Portugal, o fenómeno da "cultura de dança" adquiriu características muito particulares. Apesar de na sua origem, em 1992, as primeiras Raves se terem realizado em antigos barracões de Lisboa, na zona do Poço do Bispo, com um carácter clandestino, à semelhança do que aconteceu em Inglaterra, o processo não seguiu exactamente a mesma evolução. Nesse mesmo ano, surge a KAOS, a primeira produtora nacional deste tipo de eventos que, desde o seu começo tentou dar um cunho mais profissional e legal às Raves, à qual se seguiram outras organizadoras de festas de dança. A designação Rave, no contexto português, surge desajustada ao seu espírito inicial, no entanto continua a ser utilizada para rotular este tipo de festas. De facto, os portugueses não organizam Raves no sentido underground do termo. O que as nossas festas têm de "underground" é a música, a moda, a atitude e, obviamente, o consumo ilegal de drogas. Manteve-se a aventura mas não a total clandestinidade. As tecnologias e a produção sofisticada dos eventos são agora um grande investimento.

As autoridades locais sempre deram o seu apoio a estas iniciativas e, até ao momento, o clima é bastante favorável. Face a uma certa desatenção em relação ao tráfico e consumo de drogas, nomeadamente de Ecstasy, por parte dos políticos e da polícia, é possível em terras lusitanas organizar uma Rave num recinto histórico, com a devida licença camarária. Para além de constituir uma proposta tentadora para os Ravers nacionais, são os Ravers estrangeiros, e em particular os ingleses, que vêem em Portugal "o paraíso da cena Rave". Em Inglaterra seria impensável tal acontecer, uma vez que as autoridades nunca permitiriam que um monumento servisse esse propósito. A primeira

Rave realizada num recinto histórico, ocorreu no Verão de 1994 no Castelo de Montemor-o-Velho – a Medieval Rave – e foi organizada pela KAOS. No ano seguinte, no mesmo local, a organização voltou a promover outra Rave ainda mais grandiosa, com uma enorme adesão de participantes, integrada num roteiro de festas que trouxe ao nosso país Ravers vindos de vários países europeus e que recebeu o nome de "A week of dance music in a paradise called Portugal". Depois, outras festas se seguiram em vários Castelos e Conventos do país, organizadas por diferentes promotoras. Os nossos governantes apostam nas receitas que os "turistas" geram para a região em causa, principalmente em termos de alojamento, e não se mostram preocupados com a perseguição que este tipo de eventos está a ser alvo noutros países da Europa.

Quanto ao problema do consumo de drogas nas festas de dança, as organizações têm plena consciência da sua existência, mas pensam que a responsabilidade é de quem as consome e não da promotora da festa. No entanto, as equipas de segurança e de assistência médica presentes, principalmente, nos grandes eventos, estão atentas. Para além disso, consideram que sempre haverá uma relação entre os diferentes tipos de música e os vários tipos de drogas. Assim, se num concerto Rock se sabe que os seus participantes consomem substâncias psicoactivas e estes ocorrem dentro das normas legais, é natural que o mesmo aconteça com as Raves.

O "culto" das festas de dança é associado pela maior parte dos seus adeptos às ideias de libertação e de divertimento em que a dance music e o poder quase hipnótico da sua batida é aliado ao consumo de Ecstasy e a uma envolvimento tecnológica sofisticada. A Rave dos anos 90, constitui uma demonstração sem precedentes, de como a utiliza-

ção instrumental de recursos materiais e maquinaria ultramoderna, envolve sempre certos factores que vão influenciar a introdução de elementos do domínio cultural numa dada sociedade. Esta ideia encontra-se descrita por Marshall McLuhan que, a este propósito escreveu: "Quando a tecnologia estende ou prolonga um dos nossos sentidos, a cultura sofre uma transposição tão rápida quanto rápido for o processo de interiorização da nova tecnologia" (MCLUHAN cit. in LIMA e LIMA, 1984: 43). Na Rave, todos os nossos sentidos são prolongados e exaltados pelo excesso de luzes, de sons e de imagens. É claro que, esta exaltação colectiva deriva também do uso de drogas que, se traduz num acto de simultânea libertação e partilha. Independentemente das opiniões (contraditórias) dos investigadores e especialistas sobre o Ecstasy, quer nas suas consequências nefastas, quer na sua utilidade terapêutica, os Ravers já escolheram a sua droga, definida como elemento essencial na atitude de transgredir. Aliás, na Rave a negação das normas que regem as práticas quotidianas está explícita a vários níveis. As relações pessoais não assentam na expectativa de um determinado desempenho orientado por um conjunto de regras sociais. Um entendimento absoluto entre os Ravers, reflectido nos sorrisos que se cruzam, supera qualquer código de conduta culturalmente definido; os participantes vestem roupas excêntricas, diferentes daquelas que normalmente usam no dia-a-dia ou noutro tipo de situação vivencial, destacando-se a subversão das noções tradicionais de masculinidade. A possível definição genérica das pessoas que animam o evento transforma-se numa ambiguidade de papéis sexuais deliberadamente pretendida e, principalmente, assumida e valorizada. Por fim, a inversão radical do tempo, em que a noite substitui o dia, e a mudança extravagante do espaço, seja um grande armazém ou um recinto histórico, em que

este, por momentos, passa a desempenhar uma função transcendente na qual convergem todos os aspectos que caracterizam o fenómeno Rave, completam o vasto conjunto de factores que excedem os limites ordinários da realidade quotidiana.

Esta nova geração nasceu no tempo em que John Lennon cantava "All you need is love" e cresceu embalada pela utopia yuppie. Tem facilidade em aceder a bens culturais e a informação; tem liberdade afectiva e pais, aparentemente, compreensivos. Mas nem tudo está bem. A crise económica apareceu e originou inquietação. A política não merece confiança e a religião é uma incógnita. Faltam as perspectivas de carreira e os símbolos em que acreditar. Há hoje um conjunto de vivências e sentimentos comuns aos indivíduos entre os 20 e 30 anos, que resulta da divulgação massiva dos padrões de uma cultura juvenil urbana, através do audiovisual e da comunicação social em geral. Como o futuro se apresenta pouco claro e a trajectória para a vida adulta é cada vez mais longa, os jovens apostam mais no "agora". Este investimento expressa-se, essencialmente, na valorização do consumo e da diversão como formas de inserção social. Muitas ritualidades juvenis estão orientadas para a ética da diversão e, como na sua maioria, os jovens estão afastados do mercado de trabalho, recorrem aos pais para terem acesso aos bens que se pensa serem fundamentais para uma plena integração na sociedade capitalista.

A "cultura de dança" da década de 90, faz convergir um variado número de sinais, impulsos, sons e imagens da nossa época: a vertente comercial e a idealística, o apelo à clandestinidade e o valor da lei, a pertença ao mainstream e a atitude radical, tudo num constante e permanente fluxo. Mas, ao se analisar a "dance culture" com maior profundidade, o que emerge deste "caos" é a

nossa própria reflexão, um espelho de quem nós somos, do que somos feitos e do mundo que nos molda. Todas as contradições e incertezas, todas as esperanças e sonhos. O fenómeno Rave, desenvolveu-se de acordo com a imagem do homem do final de século: cínico mas apaixonado; apolítico mas comprometido; materialista mas espiritual; pessimista mas esperançado; com vontade de sair mas desesperado por se envolver; pensando no seu próprio ganho mas sonhando com objectivos a partilhar. É o espírito do nosso tempo medido a batidas por minuto. É um reflexo da nossa própria condição. Somos nós.

Mas o que motiva realmente o Raver, é saber que vai estar entre milhares de pessoas que desconhece, com as quais partilha gostos comuns e com quem durante longas horas vai experimentar o "futuro", numa comunhão absoluta de emoções que só ali é conseguida. É a ideia de fazer parte de algo, de pertencer, de ser um entre iguais, que constitui o fundamento deste "culto". A música, o Ecstasy, os efeitos "mágicos" das tecnologias são apenas sugestões exteriores que despertam o interior dos participantes para sensações de uma felicidade química extrema. É a satisfação de se ser possuidor de um segredo que todos conhecem e compreendem, mas que ninguém é capaz de revelar. É o delírio de saber que se esteve ali, naquele momento, naquela noite, e se sentiu realmente vivo. É a busca de uma certa espiritualidade por parte de uma geração criada sem referências religiosas. A primeira, aliás, que historicamente, nunca teve de ir à missa, de fazer a comunhão ou de casar pela igreja para salvar as aparências.

Quando no grande evento Rave isto acontece, estamos perante o encontro com o "Nirvana": "porque o Genesis está errado e o homem nunca foi expulso do paraíso..."

E o dia seguinte é o que menos importa.

#### BIBLIOGRAFIA:

- CARONA, Manuela. 1996. "Química Aplicada", in *O Independente*, rev. Vida, 2 de Fevereiro, pp. 12-17.
- LIMA, Licínio C. e LIMA, Nelson M. 1984. *Ciência e Sociedade*, Viseu: Escola Superior de Educação.
- REDHEAD, Steve. 1993. "The politics of Ecstasy", in Steve Redhead (ed.), *Rave off. Politics and Deviance in Contemporary Youth Culture*, Aldershot: Avebury, pp. 7-27.
- REY, Pierre. 1985. *Como deixar a droga*, Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- RIETVELD, Hillegonda. 1993. "Living the dream", in Steve Redhead (ed.), *Rave off. Politics and Deviance in Contemporary Youth Culture*, Aldershot: Avebury, pp. 41-78.
- SHARKEY, Alix. 1993. "The New tribes of England", in *The Guardian Weekend*, 11 de Dezembro, pp.39-46.